

tende à harmonia, a máquina, que poupa ao homem o trabalho e multiplica de modo ilimitado a sua riqueza em mercadorias, não pode senão trazer, tanto mais depressa, a "maior felicidade do maior número.

Do mesmo modo que a fé dos Mormons e dos adeptos do Baab não se havia deixado abalar por estar vazia a caixa de Palmyra ou por ter o mestre falecido na sentina, assim também os gemidos das crianças nas fábricas do Lancashire não conseguem fazer perigar seriamente a fé que têm os liberais nos fins harmônicos do egoísmo humano.

Porisso é que, justamente na época em que bandos de operários tombados na miséria assaltam as fábricas, em que as salas das manufaturas e as aldeias industriais se transformam em verdadeiros infernos, enquanto os sofrimentos de centenas de milhares de seres humanos alcançam um nível desconhecido até então — o senhor Jeremias Bentham, na sua mansão londrina provida de uma infinidade de pianos, está atarefado a dar a última demão ao reino universal da liberdade geral e da harmonia dos interesses que está a despontar e vai se difundir por todo o mundo.

"O ritmo calmo e uniforme da vida do senhor Bentham", lê-se no retrato que John Stuart Mill nos deixou do seu antigo mestre, "tivera por efeito isolá-lo de muitas fontes de experiência exterior e interior. Nunca aprendeu a conhecer a infelicidade, a paixão ou a saciedade. Ele próprio nunca teve a experiência que nos proporciona a doença, porquanto desde a sua mocidade até a idade de oitenta e cinco anos, viveu desfrutando uma saúde juvenil. Não conhecia mau humor nem melancolia. Nunca teve a sensação de que a vida fôsse um tormento e uma carga pesada. Conservou-se jovem até seu último suspiro".

Afinal, arremata Stuart Mill suas reflexões sobre Bentham com as seguintes palavras: "De todos os que, numa época altamente culta, jamais tentaram estabelecer normas para as ações humanas, talvez ninguém o tenha feito com uma concepção mais estreita dos influxos que realmente determinam a atividade humana e dos que deveriam determiná-la".

Entretanto, nem todos os discípulos de Bentham lograram guardar intacta a feliz ignorância da vida que demonstrava aquela criança grande. Bastava apenas que levantassem os olhos dos livros do seu mestre e fizessem um viagem, para logo atinar o que o padre jesuíta, o negociante de escravos e o artista haviam descoberto e, por consequência, duvidar das virtudes do liberalismo.

E' o que acontece no ano de 1815 ao economista francês Jean Baptiste Say, quando se põe a caminho da Escócia para ir visitar o túmulo de Adam Smith, a que tanto venera. Tendo de atravessar cidades industriais do norte da Inglaterra, passa por acaso por uma



A Concha gigantesca da "Hollywood Bowl" - vista em perspectiva.